

## **E APÓS 1982?**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*Folha de S. Paulo*, 14.10.1980

A sociedade civil brasileira pode ficar razoavelmente tranqüila quanto a um eventual fechamento político no momento presente. Mas precisa estar em guarda, porque, após a provável derrota do governo nas eleições de 1982, esta segurança desaparecerá

Apesar de todas as ameaças a probabilidade de um golpe de direita bem sucedida no Brasil, hoje, é muito pequena. Um golpe dessa natureza, conforme vimos em um artigo anterior (Folha de S.Paulo, 28 de setembro de 1980), ao invés de ajudar contraria os interesses da burguesia dominante no Brasil. Um golpe de direita, ainda que dirigido abertamente contra os trabalhadores, afinal seria também contrário aos interesses da grande maioria da burguesia e da tecnoburocracia. As classes dominantes brasileiras não se sentem ameaçadas nem pela subversão nem pela desordem econômica. Não acreditam que o processo de acumulação de capital ou de expansão das organizações burocráticas públicas e privadas possa ser facilitado por um golpe de direita. Ao contrário, o projeto de dominação política burguesa, que vem se desenhando no Brasil desde 1977, quando efetivamente se iniciou o processo de abertura política, seria frustrado. A burguesia voltaria à tutela dos setores autoritários da tecnoburocracia, aos quais se somariam a alguns representantes do grande capital, principalmente do capital especulativo. Em última análise um golpe de direita seria contra a burguesia.

O governo sabe ou pelo menos intui estes fatos e por isso continua engajado no processo de abertura. Esta é a única forma que ele tem para conservar um mínimo de legitimidade política. Se “abertura” é cheia de hesitações e recuos que traduzem as origens autoritárias do próprio governo. É uma abertura feita a contragosto. Mas assim o governo vai obtendo o mínimo de apoio da sociedade civil necessário para se manter no poder. A sociedade civil, por sua vez, na falta de outra alternativa que não leve à quebra da ordem constitucional, presta ao governo esse mínimo de apoio enquanto ele vai realizando, através de marchas e contra-marchas, a abertura política.

Se alguma dúvida pode restar a respeito destes fatos, o recente documento dos dez empresários mais votados do Fórum da Gazeta Mercantil, que é um complemento e atualização do “documento dos oito” de 1977, diminuirá essas dúvidas. O documento manifesta a firme opção dos empresários pelo processo de redemocratização e, no seu final, empresta apoio ao Presidente Figueiredo na medida em que este esteja engajado nesse processo.

Entretanto, se não há razão ou há poucas razões para temer um golpe de extrema direita hoje no Brasil, o mesmo não pode ser afirmado em relação ao após 1982. No final desse ano teremos eleições neste país. O governo fará tudo para ganhá-las, usará de todos os estratagemas. Mas tudo indica que afinal sairá derrotado, não conseguindo maioria no colégio eleitoral que, no final de 1983, elegerá o novo presidente da república. Manterá ainda a maioria no senado, graças aos senadores biônicos, mas isto não será suficiente para que garanta sua continuidade no poder. Nesse momento é claro que o governo, hoje desinteressado em um golpe, mudará radicalmente de posição. O governo certamente não está preparado para a idéia de que já chegou o momento da alternância de poder.

A sociedade civil brasileira, entretanto, já se apercebeu claramente que a alternância no poder é perfeitamente viável. Esta não é a visão apenas dos trabalhadores, que afinal ainda pesam pouco na sociedade civil deste país, ou das camadas médias tecnoburocráticas e burguesas. Também amplos setores da alta burguesia se apercebem que os dois principais partidos da oposição, o PMDB e o PP, têm perfeitas condições de assumir o governo. Certamente o PMDB em especial não fará um governo tão favorável ao grande capital quanto o PDS, mas é certo que o fato de assumir o poder não representará nenhum risco efetivo para o capitalismo brasileiro. O PP, por sua vez, provavelmente representa melhor o grande capital não especulativo de que o PDS, este muito comprometido com suas bases oligárquico-mercantis.

É essencial, entretanto, que essa imagem dos partidos de oposição, inclusive do PT que provavelmente ainda terá um papel importante na política brasileira, se consolide no seio da sociedade civil. Para isso será necessário que a oposição e, em particular, o principal partido de oposição, o PMDB, inspirem a necessária confiança (o que é distinto de apoio) na média e na alta burguesia, ainda que adotando uma atitude crítica em relação a ela. O apoio, especialmente da alta burguesia, é dispensável e mesmo indesejável, porque poderá levar o PMDB a fazer compromissos com essa fração de

classe que afinal desfigurariam o próprio partido. O PMDB não é um partido sequer socialista reformista. É fundamentalmente um partido burguês. Mas o apoio que consta em setores populares e socialistas lhe assegura uma orientação para a esquerda que, conjuntamente com sua sistemática profissão de fé liberal, constituem seus dois principais patrimônios.

Entretanto se o apoio da alta burguesia é indesejável a confiança da burguesia em geral de que a ordem capitalista não será subvertida é essencial para que a sociedade civil, cada vez mais representada pela oposição, se una na defesa da democracia no momento em que o governo saia derrotado das urnas em 1982. As bases para essa confiança já existem. À esquerda, ainda que firmemente empenhada em defender os interesses populares, têm revelado uma moderação e um equilíbrio exemplares. A oposição em geral já é claramente uma alternativa de poder legítima para as classes dominantes neste país. E esta é ou será a maior garantia de que também depois de 1982 um novo golpe poderá ser evitado. (14/10)